

Rev. Marxistas

Corrente Marxista Revolucionária

Outubro - 2008

Contribuição R\$ 1,00

**Do colapso de Wall Street
a uma nova situação mundial.
A economia capitalista
em bancarrota**

Brasil: fortaleza ou castelo de areia

E DITORIAL

Economia brasileira: Fortaleza ou castelo de areia?

A Crise Econômica que começou há um ano com a chamada crise das hipotecas até agora era tratada pelo governo Lula como um problema de Bush, uma vez que, nas palavras do governo “a economia brasileira estaria blindada”, isto é, passaríamos à margem da atual crise.

Nada mais falso, a Crise Econômica é a mais séria e profunda desde a Grande Depressão do início do século XX. Dizemos isso por uma combinação de fatores: diferente das crises que sucederam a Crise de 29, que ocorreram na periferia do capitalismo, essa crise tem seu epicentro no coração do até então centro do capitalismo mundial: os EUA. Outro aspecto importante é que essa crise tem tomado um caráter mundial e sistêmico, isto é, tem atingido o conjunto dos países, embora de maneira distinta, e todos os setores da economia, além de ocorrer em um momento de desaceleração da economia dos EUA e de sua perda de hegemonia internacional.

Nesse sentido, embora o governo Lula tenha repetido exaustivamente que a crise não chegaria até aqui, a verdade é bem distinta, o Brasil é um dos países que mais serão afetados pela atual crise. Isto se deve ao aumento de sua vulnerabilidade externa estrutural, provocada pelo alto grau de especialização reacionária da economia brasileira – baseada na “primarização” das exportações – que tem provocado perda constante de posições nas exportações de mercadorias de maior valor agregado. Essa perda de dinamismo da indústria de transformação e sua substituição pelo aumento de exportações de setores intensivos em recursos naturais implicaram na inserção subordinada do Brasil no sistema internacional de estados.

Essa inserção subordinada e baseada em exportações de produtos de baixa complexidade, principalmente commoditi-

es, possibilitou ao governo, utilizando o período de alto crescimento econômico internacional, manter um período de crescimento econômico como certo aumento de salários – aumento que sempre ficou abaixo dos lucros das empresas – e crescimento do trabalho com carteira assinada. O crescimento econômico, a melhora relativa dos salários e do nível de emprego fez com que o presidente Lula tivesse o maior índice de aprovação da história do país.

O aumento das exportações se juntou com o crescimento do crédito interno, que por sua vez aumentou em muito o consumo interno. Podemos dizer que o crescimento do último período foi ancorado em dois processos combinados: aumento das exportações e crescimento do crédito interno.

Surge então o grande problema da economia brasileira. Com o tsunami econômico dos últimos meses, aprofundado nos últimos dias, os dois mecanismos descritos acima entraram em cheque. As commodities sofrerão queda ainda maior de preços, devido a já inevitável recessão mundial e, principalmente, à diminuição de financiamentos internacionais, o que provocarão, como já vem ocorrendo, a diminuição de créditos.

Assim, a estabilidade econômica é uma farsa total, uma estabilidade que se assemelha a um castelo de cartas. Nossas reservas internacionais correspondem a 25% de nossa dívida interna, que devido aos altos juros praticados pelo governo já chega a astronômica cifra de 1 trilhão de reais, sendo as dívidas de curto prazo da ordem de 600 bilhões de dólares.

Como em outros terrenos, o Governo Lula tem se especializado em meias verdades. Um dos argumentos da blindagem da economia seria o fato da chamada diversidade de parceiros comerciais. De fato, o comér-

cio exterior do Brasil com os EUA é da casa de 15%, o problema é que no mundo, mau chamado de globalizado, as economias são interdependentes, por exemplo, o Brasil aumentou muito o comércio com a China, que por sua vez é o maior vendedor para os EUA. Devido à recessão nos EUA a China vende menos, e se vende menos, compra menos do Brasil.

Com esses fatores em plena atividade, os primeiros elementos da crise já começam a aparecer de forma mais cabal.

Quem pagará a conta da crise?

Como sempre, a burguesia e seus governos tentarão jogar nas costas dos trabalhadores o preço das medidas que serão tomadas para salvar o capitalismo. Assim como nos EUA, onde o pacote de Bush tenta desesperadamente salvar os banqueiros que quebraram com a crise jogando nas costas dos trabalhadores norte-americanos o preço da crise, Lula também o fará.

Muito provavelmente, passado o segundo turno das eleições municipais – no fim do mês de outubro, o governo e a

Sabendo que o crescimento econômico diminuirá, a FIAT, uma das principais montadoras de carros do Brasil, já deu férias coletivas a seus funcionários, isto é, paralisou a produção. Com a continuidade e, ao que tudo indica, com o aprofundamento da crise, esse mecanismo de férias coletivas irá se generalizar, como em outras ocasiões e sua manutenção por um período mais longo se transformará em demissão aos trabalhadores e perda de mais direitos trabalhistas.

burguesia virão com tudo para jogar o custo da crise nos ombros da classe trabalhadora.

Essa situação, onde a burguesia terá que jogar duro contra a classe trabalhadora poderá romper com o clima de estabilidade que tem dominado o país nos últimos anos. Se isso acontecer terá uma importância transcendental, uma vez que o Brasil é o principal país da América Latina e tem servido como contra-tendência regional, isto é, como elemento de estabilidade para toda a região.

É preciso organizar a resistência!

Para que o movimento de massas esteja à altura das necessidades do atual período é preciso que rompamos com a atual situação de superestruturação e de despolitização.

Nesse sentido, a CONLUTAS, e mais especificamente sua direção controlada pelo PSTU, tem uma enorme responsabilidade, é preciso que se organize para valer e pela base o conjunto do movimento de massas e em especial o movi-

mento operário.

Para que isso seja possível é imperioso que se rompa o economicismo congênito a que a CONLUTAS, por política do PSTU, está submetida. Fazer propaganda de um projeto alternativo ao capitalismo, organizando pela base e de forma democrática, é uma tarefa capital para que se possa colocar o movimento em um novo patamar e a altura do novo ciclo que se abre.

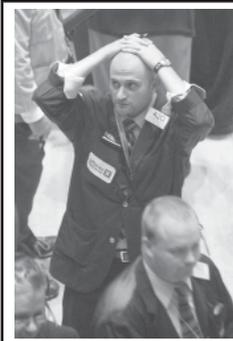
EXPEDIENTE

Praxis

RUA CONSELHEIRO RAMALHO 1012

Equipe de redação: Márcio Barbio
Antonio Carlos Soler

Revisão: Adriana Paula



Declaração da Corrente Internacional Socialismo Ou Barbárie

O crack financeiro global se transforma em uma brutal crise econômica, política e social internacional

Com a queda do “muro de Berlim” do capitalismo, se abre uma nova situação mundial

A crise financeira e econômica detonada no centro do capitalismo mundial é um acontecimento de **importância e conseqüências incalculáveis que abriu uma nova situação internacional**. Depois dos primeiros tremores registrados a mais de um ano, a crise deu um **salto qualitativo**. Tem-se produzido um crash em Wall Street, o centro financeiro do mundo, o incêndio já chegou simultaneamente a outros mercados financeiros, como Japão e Europa.

Os bombeiros dos governos desses países e seus bancos centrais têm combatido o fogo com bilhões e bilhões de dólares, euros e yenes, entretanto, não têm conseguido que entidades financeiras imensas, que até pouco tempo eram apresentadas como exemplos de bom capitalismo, eficiência e livre empresa, se desmoronassem como **castelos de cartas**. Os que apareciam como **altares do capitalismo mundial** em sua etapa neoliberal, os cinco bancos de investimentos de Wall Street, têm desaparecido da face da terra, devorados pela crise, em questão de semanas.

Os maiores defensores do neoliberalismo, o governo dos EUA e da Europa, que tudo privatizaram, agora têm saído a **nacionalizar** dezenas e dezenas de bancos e outras empresas financeiras, casas de hipotecas e papéis financeiros. A burguesia que durante dé-

cadadas protestou contra a intervenção do Estado na economia, agora chora **implorando que o Estado intervenha para salvá-los**, à custa de montanhas de dinheiro que saíram dos impostos pagos por todos os contribuintes, à custa de diminuir drasticamente os investimentos sociais, aumentar o desemprego e arrochar ainda mais os salários e as aposentadorias e pensões.

Agora, o capitalismo neoliberal que **privatizou os lucros quer socializar as perdas**, para que consiga tal intento é preciso que as massas trabalhadoras dos EUA e do resto do mundo aceitem tranquilamente se sacrificar para salvar os tubarões de Wall Street!

Esse imenso cataclismo financeiro e econômico, que ocorre no centro do mundo, marca um antes e um depois. Nesse sentido, tem razão àqueles que vêem nessa crise a queda do **“Muro de Berlim” do capitalismo em sua versão neoliberal**, neoliberalismo que se impôs mundialmente a partir da revolução conservadora de Reagan e Margareth Thatcher. Um antes e um depois porque após um terremoto como esse no centro econômico e geopolítico do mundo, **as coisas não podem seguir como antes**.

Esta queda do Muro do neoliberalismo já abriu uma nova situação mundial: **o fato de saltar pelos ares os pila-**

res da estabilização mundial das últimas décadas. Por um lado, a própria forma de se organizar do capitalismo mundial, através de uma liberdade irrestrita para que o capital faça valer sua lei e exploração tomando o mundo como campo para sua valorização praticamente sem freio algum, por outro lado, a ambição e uma hegemonia mundial “imperial” que se queria inquestionável por parte do chefe do imperialismo, os EUA.

São essas bases da estabilização pós-queda do Muro

que têm saltado pelos ares, e têm aberto, inevitavelmente, um panorama ou situação mundial profundamente distinta, que estará marcado por mais contradições, polarizações sociais e políticas, mais disputas entre economias e Estados, divisões nos de “cima” e sobretudo em **mais luta de classes**. Uma situação mundial onde o mais provável é que presenciemos o retorno de características mais clássicas do capitalismo marcado por **tremendas crises, guerras e revoluções**.

Uma combinação de diversas crises, com a economia no centro

A crise que hoje ocupa o centro da cena, a situação financeira e econômica, não é, sem dúvida alguma, a única que está operando em escala mundial. Hoje, há distintos níveis e dimensões que se entrecruzam e que configuram um contexto mundial muito distinto, para tomarmos um ponto de referência chave, do que parecia ser 1989/91, com a queda da ex-URSS e a restauração do capitalismo em todos os países da Europa e Ásia.

Parece incrível que a tão pouco tempo desses mesmos momentos se chegou a falar no fim da história, da classe operária, da luta de classe e da perspectiva do socialismo. Uma sociedade mundial está-

tica por longos séculos em um capitalismo neoliberal que abarcaria e unificaria todo o planeta; um sistema unipolar regido por um super imperialismo dos EUA, que ditaria normas para o mundo livre, uma extensão da democracia dos ricos, um pensamento único para todos os seres humanos etc...

Nesse sentido é importante fazer um balanço desses novos elementos críticos que nos apresentam em 1989/1991, e que são parte de um panorama mundial bastante diferente, agora marcado não pela queda do comunismo... mas, ao contrário, pela **mais grave crise da economia capitalista em quase um século**.

Crise financeira e econômica mundial comparável à de 1929



Não é só a esquerda e o marxismo, mas também a direita, que já caracteriza a atual crise como a **mais grave desde a de 1929**. Como disse Alan Greenspan, um dos pais do neoliberalismo e da presente crise, “*é um fato que acontece a cada século... o que está se passando eu nunca havia visto antes... não posso acreditar*”. Efetivamente, para se estabelecer algum paralelo da presente crise, temos que recuar a 1929 ou ainda, à grande depressão de 1873.

O mecanismo essencial é comum à crise de 1929: **a enorme quantidade de capital fictício que faz estalar tudo, na medida que a queda da taxa de lucro não dá mais para remunerar os capitais dedicados à especulação financeira**. Ainda que com outros tipos de “instrumentos” financeiros, a orgia da especulação que precedeu a *débâcle* também é parecida com a de 1929.

Porém, a *débâcle* **não afeta somente capitais fictícios, mas a totalidade do capital** que não é outra coisa que a acumulação de trabalho humano; trabalho humano que agora está sendo destruído em enormes proporções. As conseqüências golpeiam sobre o conjunto do ciclo de reprodução do capital, não somente o ciclo capital-dinheiro, mas também do capital produtivo. Isto nos leva a gravidade das conseqüências que terá a crise financeira sobre a economia real, ou seja, sobre a esfera da produção.

Os resultados já vêm em **todas as partes**, ainda que com **desigualdades** segundo os países. O que hoje é impossível de responder com segurança, é **até onde chegará isto**. Ainda que de fato estejamos vendo uma extensão mundial da crise financeira, e a imensa destruição de capital dinheiro que

isto acarreta, **agigantam as possibilidades não só de uma recessão em escala mundial, e mesmo de depressão que pode ter conseqüências incalculáveis**.

Hoje, o cenário mais otimista é que uma **recessão mais ou menos grave** atinja em primeiro lugar ao EUA, Europa e os países da periferia mais dependente do ciclo estadunidense. Esse cenário não exclui uma situação mais dramática, mais parecida com a de 1929, se chegaria a produzir um colapso sistêmico das financeiras norte-americanas e mundiais, um perigo que já vem sendo advertido por alguns especialistas, o que levaria a um cenário de **depressão mundial**.

De qualquer maneira, em todo caso temos que prever que **uma crise dessas dimensões não é facilmente contornada**. Os planos de resgate ao estilo Bush são um afano ao bolso dos trabalhadores, ao mesmo tempo em que não significam que serão capazes de resolver a crise. Isto porque ante a contaminação multimilionária de “papeis tóxicos”, que pode chegar aos trilhões de dólares, um pacote de somente 700 bilhões de dólares parece algo insuficiente para dizer o mínimo.



Pela primeira vez desde 1929 se produz uma crise econômica não em países e regiões periféricas, ao contrário, se dá no centro do capitalismo mundial

Este é um dos aspectos de imensa importância desta crise. Por diversos motivos, depois da Segunda Guerra, as crises capitalistas mudaram de epicentro. Em 1929, pegou em cheio os dois principais países capitalistas da época: EUA e Alemanha. Depois dis-

so, todas as crises financeiras e crash se deram na periferia do capitalismo, assim foi a crise que acabou com a URSS, a crise da Dívida na América Latina no início dos anos 1980, o sudeste asiático em 1997, Rússia 1998, Turquia 2000-2001 e a Argentina de

2001, tudo isso se passava ao largo de Wall Street, que por sua vez seguia dando lições de como se evitar crises ao mesmo tempo em que aproveitavam para realizar grandes negócios.

A mudança de epicentro, além de ter um profundo sig-

nificado, trás importantes e dramáticas conseqüências. As crises na periferia do capitalismo podem ter conseqüências, mas é outra coisa se a crise ocorre no centro econômico-financeiro e geopolítico, é outra coisa total e qualitativamente distinta.

O papel dos EUA como centro financeiro e econômico do planeta

Na Segunda Guerra os EUA emergiram com centro econômico, financeiro e político do planeta. Porém, isto já vinha em decadência e agora a crise põe a nu a estrutura norteamericocêntrica das finanças e da economia mundial.

Quando os EUA ocuparam esse lugar, não só haviam saído da Segunda Guerra, junto com a URSS, como grandes vencedores, mas, indiscutivelmente eram a **super potência**, com 50% do PIB mundial, os maiores avanços tecnológicos e científicos, além de **grande credor do mundo**. Tudo isso havia convertido o dólar em moeda mundial, antes mesmo dos acordos de Bretton Woods.

Hoje a situação é muito diferente. Os EUA já não ocupam essa posição no setor produtivo, ainda mais, se converteu em grande devedor do planeta, e devedor insolvente, que possui um escandaloso déficit de conta corrente, que por sua vez, tem elevado a dívida pública

às alturas. O nível de consumo dos EUA só tem se mantido graças a um endividamento público, empresarial e familiar, onde as hipotecas imobiliárias que iniciaram a crise são apenas o cume da pirâmide.

Estes problemas **estruturais** têm acendido a luz vermelha há muito tempo. Porém, nada se fez para mudar a situação, entre outros motivos porque a solução em termos capitalistas passava por um **brutal ajuste**, o que poderia desencadear reações políticas e sociais imprevisíveis.

Agora a crise põe em carne viva o questionamento do papel central que ocupam os EUA nas finanças mundiais. Antes, frente às diversas crises que assolavam a periferia, Washington e Wall Street exigiam acusatoriamente mais “ajustes” e sacrifícios aos países em desgraça. Agora chegou a hora dos EUA serem “ajustados”, é o que a Europa tem exigido, que “assumam suas responsabilidades”.

Crise do dólar como moeda de reserva e do comércio mundial

Esta situação crítica dos EUA, tanto conjuntural como estrutural, tem uma implicação particular e muito importante na situação do dólar como moeda de reserva e comércio mundial. Nesse sentido, já se apresentavam duas **graves contradições** que agora podem estourar:

a) Nas últimas décadas, pela mão do neoliberalismo, se acentuou qualitativamente uma característica essencial do capitalismo desde suas origens: seu caráter **mundial**, as operações produtivas, comerciais e financeiras do capitalismo se **internacionalizaram** em grande escala. É a mal chamada “globalização”. Porém, esta mudança descortina a contradição de um capitalismo **globalizado**, cuja moeda de reserva, comércio e finanças - o dólar - não é “global”, pois quem a emite é um **Estado Nacional**.

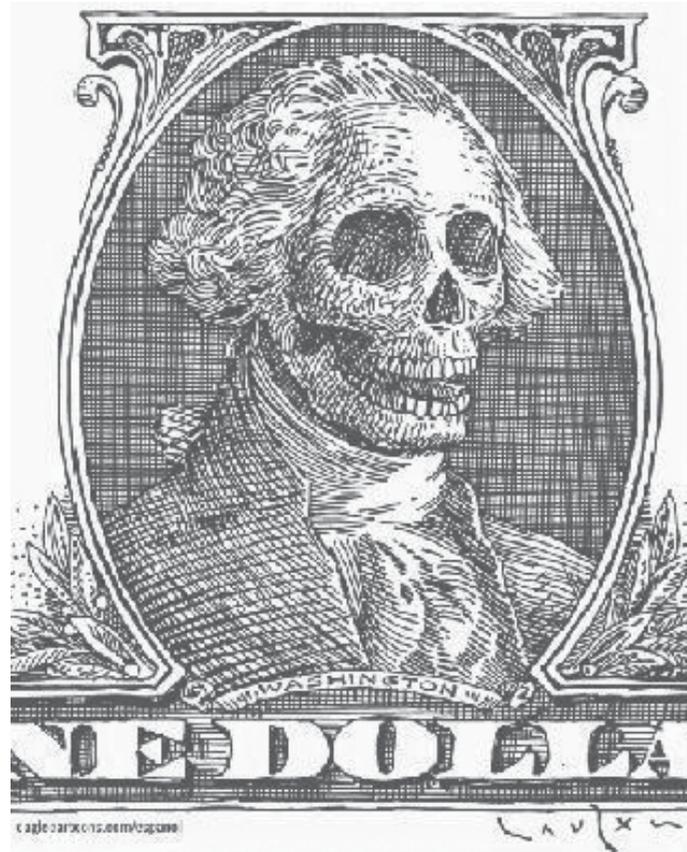
b) Esta contradição se coloca hoje a olho vivo, porque o estado que emite a moeda mundial é **o maior devedor do planeta**. E, pior ainda, é um devedor **insolvente**.

Se este devedor insolvente não foi ainda “declarado em falência”, é porque seus credores temem, com razão, que sua bancarrota os arraste também ao abismo. Assim sendo, a crise vai tencionar ainda mais esta contradição.

De outra parte, o problema da moeda do comércio mundial sempre se resolve na história, não por deliberações pacíficas, mas por **mudanças**

nas relações de força entre as potências mundiais. O dólar assumiu a coroa porque os EUA ganharam a Segunda Guerra Mundial. A libra esterlina (que até 1914 tinha equivalência ao ouro) perdeu a primazia porque a Gran Bretanha saiu mal de ambas as contendas.

Para que o dólar se mantenha como moeda de reserva e do comércio, está estreitamente ligada a condição de que **o resto do mundo siga emprestando dinheiro aos EUA** e sustentando assim os seus déficits (de conta corrente e fiscal). Se as contas inauditas dos ‘resgates’ forem crescendo cada vez mais, o Tesouro dos EUA e do banco central podem ver comprometida



da sua situação, a ponto de o dólar ser preventivamente deixado de lado como moeda de reserva e comércio internacional. Caso isso ocorra, poucos vão querer seguir emprestando aos EUA para que sus-

tente seus déficits.

Os problemas do dólar estão relacionados também com o problema mais amplo de **como se sustentará o atual grau de “globalização” da economia e das finanças**

A “globalização” e as ações defensivas de estados e regiões em tempos de crise

O capitalismo, desde seus inícios, sempre constitui um mercado mundial, uma “economia-mundo”. A tão falada globalização não foi outra coisa que **dar um salto** nesta tendência secular do capitalismo.

Houve avanços notáveis neste sentido e em vários níveis: da produção, do comércio, das finanças, do entrelaçamento de inversões mútuas entre os distintos países centrais etc.

No entanto, esta realidade de nenhuma maneira resolveu a tremenda contradição histórica - própria do capitalismo - da **subsistência dos Estados e fronteiras nacionais**; nem

se superou o fato de que, e apesar de tudo, as corporações econômicas multinacionais tenham “pátria”. Um suposto “Império” sem fronteiras onde teria acabado tudo isto só poderia estar na cabeça de intelectuais superficiais “pós-marxistas” e /ou “pós-modernos” da moda.

Porém, desmentindo o anterior, as grandes crises, como a de 1929, já implicaram - em seu momento - **saltos para trás** nos processos de “globalização”. Para defender seus respectivos interesses, a burguesia dos EUA, Europa, etc. lançaram barreiras protecionistas que potencializaram

uma **mudança do mercado mundial** que por si mesmo o *crash* de Wall Street havia provocado. Com as restrições de crédito, isto foi fundamental para gerar um cenário de depressão mundial.

Não dizemos que agora automaticamente vai se suceder exatamente o mesmo. Tanto a produção com os capitais em nível mundial estão hoje qualitativamente mais entrelaçados e em certa medida “fundidos”. No entanto, repetimos que isso não acabou com as rivalidades, as diferenças de interesses e a concorrência feroz entre as corpora-



ções dos distintos países imperialistas, seus Estados e agrupamentos regionais. E, como sempre, **a crise exacerbou isso como um todo.**

Contra a tendência, a globalização que havia sido predominante até a recente crise da OMC (Organização Mundial do Comércio), agora, cer-

tamente, vai operar uma tendência no sentido contrário, a do “salve-se quem puder”. Quer dizer, se a crise recrudesce, **se utilizarão os Estados e agrupamentos regionais como trincheiras.**

Desta forma, EUA e Europa não conseguem acordar um plano unânime para encarar a

crise. Pelo contrário, estão se manifestando profundas diferenças. Desde a Europa, exige-se aos EUA que “assumam suas responsabilidades”; quer dizer, que procedam a um **ajuste feroz.** Assim mesmo, protestam contra a desvalorização do dólar, que não é só uma afronta aos credores dos

EUA, mas também uma manobra “desleal” para a UE perder competitividade no mercado mundial. Como se não bastasse, sequer na própria UE se pode acordar outra coisa que um genérico “apoio”, a mesma resposta nacional que cada país membro pode dar a “sua” própria crise...



Crise do sistema mundial de Estados, da “ordem mundial”

A crise econômica chega para aprofundar ainda mais a **crise do sistema mundial de Estados**; quer dizer, da ordem mundial. Os fracassos dos EUA em suas aventuras militares no Afeganistão e Iraque têm sido um fator fundamental (porém não único) para que se faça o delírio neoconservador do “Novo Século Americano”, que tratou de levar adiante a administração Bush.

A queda da ex-URSS e o fim da “Guerra Fria” produziram a **ilusão** de que os

EUA, a grande potência do capitalismo, (que, na verdade vinha em um curso de decadência), haviam recobrado uma absoluta primazia mundial, maior ainda que a de 1945, porque já não existia o rival do Kremlin.

Na verdade, os EUA estavam **muito longe disso**, a estratégia dos neoconservadores para afirmar os EUA com a grande superpotência - que ia exercer uma hegemonia absoluta no século XXI, estabelecendo um império colonial-

petroleiro no Oriente Médio e Ásia Central - foi **um fracasso que ninguém sabe como resolver**, sem que signifique uma retirada vergonhosa. Pior ainda, EUA estão ante a perspectiva de **uma terceira guerra**, intervindo também no Paquistão.

A ilusão de um sistema unipolar com capital em Washington tem sido desbançada pela realidade de um mundo **multipolar**, onde numerosos Estados já não obedecem a ordens e atuam por **conta própria** e, pior ainda, muitas

vezes o fazem, em maior ou menor grau, de forma mediada, contra os interesses dos EUA.

Os EUA enfrentam de todos os lados “desobediências que eram inconcebíveis há poucos anos. Que há menos de 20 anos da queda da ex-URSS uma frota russa chegue ao Caribe - considerado como seu mar interior pelos EUA - para fazer manobras militares com a Venezuela é um dos tantos sintomas da presente situação geopolítica!”.



Crise de legitimidade do neoliberalismo, do modo de regulação do capitalismo, e também, em menor medida, crise de legitimidade do próprio capitalismo como sistema econômico social

A queda do Muro de Berlim significou não só a extensão do capitalismo a quase todo planeta, mas foi também um **enorme triunfo ideológico** e de sua legitimidade, tanto do sistema capitalista em geral, e especificamente, do **neoliberalismo** como modo particular de configurar o capitalismo.

O neoliberalismo significou, em primeiro lugar, o **ataque às conquistas** operárias obtidas em períodos anteriores da luta de classes, especificamente às concessões do “Estado de Bem Estar Social” (Welfare State) do pós-guerra. A nova era neoliberal surgiu não apenas pela **restauração do capitalismo** na ex-URSS, no Leste e China, mas também por **uma soma formidável de derrotas** operárias em cada país, especificamente nos anos 80. A globali-

zação neoliberal completou este processo ao colocar de fato em competição **direta** no mercado mundial a força de trabalho, nivelando os trabalhadores aos piores graus de exploração.

Somado a isto, o neoliberalismo **modificou as relações do capital com o próprio estado burguês**, especificamente no setor financeiro, dando “carta branca” a atividades e operações anteriormente mais controladas e reguladas pelo Estado. Assim, mesmo com as privatizações e a mercantilização de todo tipo de atividades, foram ampliadas qualitativamente as áreas dirigidas **diretamente** pelo capital privado.

A contrapartida do “**fracasso do socialismo**” de 1989/91 foi a **legitimação do neoliberalismo** como algo

indiscutível e impossível de questionar. Porém, agora é o neoliberalismo quem aparece **fracassando também rotundamente**.

Este fato também gera um **impacto gigantesco na consciência** de milhões e milhões de trabalhadores em todo o mundo. No entanto, é um impacto **no sentido totalmente oposto** ao de 1989/91.

Ainda que não se tratassem de países nem Estados realmente “socialistas”, a queda da ex-União Soviética, ao ter como consequência imediata a restauração capitalista, foi **um duro golpe em nosso terreno**. Agora, este terremoto econômico-financeiro é também um **duro golpe**... porém, no terreno deles.

Esta crise de legitimidade do neoliberalismo não quer dizer que a classe trabalhado-

ra mundial vai recuperar **imediatamente e massivamente** a consciência anticapitalista e socialista que tinha e que foi perdendo nas derrotas e frustrações em relação às revoluções do século XX. Isto seguramente será produto de processos complexos da luta de classes nos quais interferem muitos fatores, e onde os resultados dos futuros combates terão grande importância.

É absolutamente claro que a crise e a deslegitimação do neoliberalismo abrem melhores condições para o desenvolvimento da consciência socialista. Quer dizer, agora pode abrir a possibilidade de que a consciência de milhões comece a mudar, indo no sentido do **questionamento ao capitalismo e do relançamento da luta pelo socialismo**.

Uma situação mundial onde se agudizam tremendamente as contradições das classes sociais e entre estados, com conflitos mais polarizados, menos “mediações”, e seguramente mais lutas, guerras e revoluções



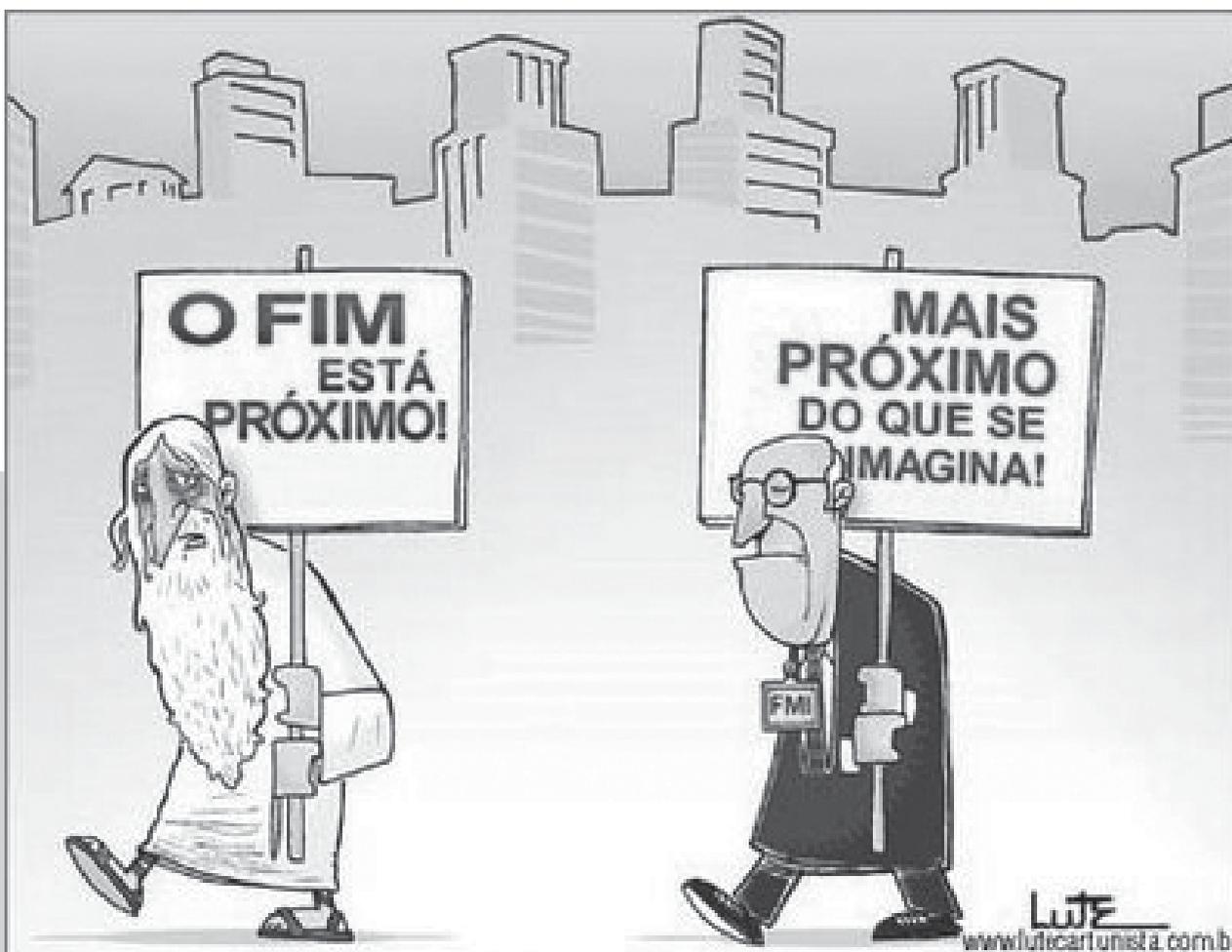
Como dizíamos no começo desta declaração, com a queda do Muro de Berlim o **capitalismo parecia fechar o ciclo do questionamento a sua dominação, começado com a Revolução Russa de 1917**. O capitalismo parecia terminar o século XX afirmando, **mais do que nunca, a sua dominação em escala mundial**, revertendo concessões à **classe operária mundial**, dadas como tributo à mesma por medo de mais revoluções, fazendo retroceder o **processo de autodeterminação nacional**, que havia dado um salto no segundo pós-guerra com independência das colônias, e, **sobretudo**, conseguindo o retorno do **domínio direto da exploração capitalista** em um terço do mundo onde se havia produzido revoluções que haviam apropriado a burguesia.

Como se sabe, os **efeitos** destes fatos na consciência de milhões de trabalhadores e nas lutas cotidianas **foram tremendos**. O socialismo havia **“morrido”** depois de **“fracassar totalmente”**. Portanto, a classe operária mundial **devia se conformar em ser uma classe explorada até a eterni-**

dade. Esta situação foi a que **marcou o conjunto da luta de classes internacional** ao longo das últimas décadas.

Porém, o que está ocorrendo nestes momentos cumpre o papel de um **“reconhecimento” histórico**: pois neste momento o suposto “vencedor”, o capitalismo mundial, **encara sua crise mais dramática em muitas décadas**. Se as mudanças das três últimas décadas tinham ido – dizendo desta forma - da **“esquerda à direita”**, agora estas mudanças ocorrerão em sentido contrário: da **“direita à esquerda”**, ainda que, seguramente, marcadas por uma **polarização em ambos os extremos**.

Porque o que esta crise tem colocado em questão frente aos olhos de muitos milhões **não é o “socialismo”**... mas, **o próprio capitalismo** em sua forma mais “contemporânea” e avançada de organização. É um questionamento que, em suas tremendas e potenciais conseqüências mundiais, regionais e nacionais, não faz mais que atualizar o caráter da época histórica aberta no começo do século passado, como uma **época de crises, guerras e revoluções sociais**.



Um ataque contra os trabalhadores

A intenção do capitalismo e dos governos dos EUA e de todo o mundo é “socializar os prejuízos”: **que os trabalhadores paguem a catástrofe perpetrada pelo capitalismo.** Nos muitos bilhões que se esfumam nas fogueiras de Wall Street estavam condensadas boa parte do esforço e do sofrimento de todos os trabalhadores do mundo. Agora lhes pedem que sejam eles os que paguem a fatura deste desastre, com mais trabalho, mais penúrias e mais escravidão laboral!

Esta é a política que vem de todos os governos, em primeiro lugar o dos EUA. Porém, estes ataques vão motivar respostas na mesma proporção.

O que vai acontecer, por exemplo, nos EUA, se milhões perderem o salário e o emprego, e se outros tantos verem liquidadas suas pensões de aposentadoria pela perda de valor dos títulos e ações que supostamente as respaldam? Vai continuar a passividade das massas estadunidenses, que vem desde as derrotas dos tempos de Reagan ou vamos presenciar o “recomeço” da luta de classe nos EUA?

A raiva com que milhões de estadunidenses receberam o “plano de resgate” de Bush, cuja pressão fez fracassar a primeira tentativa de aprová-lo, é uma prévia do que pode acontecer se o capitalismo norte-americano levar adiante o **ajuste selvagem** que objetivamente requer a economia dos EUA.

O que falamos em relação ao panorama dos EUA, centro da atual crise, é também válido para o resto do mundo, ninguém vai ficar imune, em maior ou menor medida. Isto abre a perspectiva de **uma polarização muito maior e mais dura de todas as contradições e enfrentamentos.**

Esta “exasperação” das tensões sociais e políticas tem sido uma característica universal de todas as grandes crises. Ainda que tenhamos nos referido às que atingem a classe trabalhadora, isto vai atingir todos os setores. Assistimos divisões na burguesia e em seus políticos (como o que paralisou vários dias o governo dos EUA).

As relações entre Estados, em uma situação onde não há quem “coloque ordem”, pode também levar a situações críticas.



A deslegitimação do neoliberalismo e a ressurreição do Keynesianismo não vão significar o retorno ao “Estado de Bem Estar Social” do pós-guerra

É necessário alertar que agora mesmo **está sendo armada uma grande armadilha**. Agora, meio mundo se tornou “antineoliberal”. O neoliberalismo é condenado (mais na forma do que no conteúdo), para sustentar a continuidade e a **possibilidade de “outro capitalismo”** que funcione “melhor” que o fracassado neoliberalismo.

Agora todos estão se dizendo “Keynesianos” (Keynes foi um importante economista burguês contemporâneo da grande depressão de 1929) e clamam para que o Estado volte a intervir, regular e controlar. *“Bring back Keynes!”*: “Tragam de volta Keynes!” reclama, por exemplo, o titular de um dos mais importantes e tradicionais diários de Londres.

No entanto, esta ressurreição do “Keynesianismo” - ou, melhor dizendo, da intervenção e regulação do Estado -

não significa de nenhuma maneira um **retorno às concessões do “Estado de Bem Estar Social”**, desmantelado pela reação neoliberal.

Muitos setores do “progressismo”, tanto na América Latina como na Europa, argumentam inclusive que o capitalismo “funcionaria muito melhor e sairia rapidamente da crise” se baixasse a taxa de juros, se criasse empregos e se aumentasse a renda dos trabalhadores: desta maneira, a maior demanda permitiria colocar a produção e superar assim uma recessão ou depressão. Em resumo: o “progressismo” sonha em voltar ao “Estado de Bem Estar Social” ensaiado nos EUA com Roosevelt e generalizado no pós-guerra em todos os países centrais e, também, mais modestamente, em muitos países da periferia.

Porém, se esquece de duas coisas: a primeira é que o “Es-

tado de Bem Estar Social” não foi simplesmente um fato “econômico”, mas uma **ação política**. Esteve determinado pelo terror das burguesias de todo o mundo da revolução socialista. Ainda que a União Soviética já tivesse degenerado em um regime burocrático que levaria finalmente à restauração capitalista, a sombra da Revolução Operária de 1917 ainda se estendia pelo mundo. O “Estado de Bem Estar Social” (Welfare State) foi uma medida necessária para domesticar a então combativa classe operária estadunidense e impedir revoluções socialistas na Europa Ocidental depois da Segunda Guerra.

Além do mais, há uma segunda questão: o capitalismo como tal é um sistema social marcado por dramáticas contradições que estão no núcleo íntimo da sua configuração. Sua lógica mais profunda é caracterizada por uma sede

insaciável de lucros a **despeito da reprodução humana e da natureza**. Trata-se de uma lógica perversa que - como foi demonstrado há mais de um século e meio por Karl Marx - inevitavelmente o leva de crise em crise, porque **mina estes dois mananciais da riqueza que são o trabalho humano e a natureza**.

Além do mais, com a evolução histórica, por distintas razões, estas tendências à crise (que sem dúvida nunca significam uma “queda” do sistema se a classe operária com suas lutas não o põe abaixo de forma revolucionária) não fazem mais do que tender ao **agravamento**. Portanto, seja em sua forma neoliberal, seja sob uma nova configuração “Keynesiana”, as contradições do sistema capitalista são **insolúveis**: a **única solução realista** é a luta para **abrir caminho a outro sistema social, o socialismo**.

Socialismo ou barbárie: um programa operário e socialista frente à crise

A versão “Keynesiana” que se está perfilando neste brusco giro “estatizante” de muitos governos não deve levar a ilusões.

Esta política pode ser definida precisamente como um “Keynesianismo” liberal; ou seja, um giro para **uma maior intervenção e regulação do Estado** na atividade econômica, porém tratando de **manter as condições de superexploração** que o neoliberalismo conseguiu impor à classe operária mundial. Em resumo, para colocar “panos quentes” e **desenvolver em grande escala o “assistencialismo de miséria” que vemos em tantos países da América Latina.**

Porém, como vínhamos assinalando, as intenções de que os trabalhadores paguem a conta se produzem em um contexto muito **distinto** ao da ofensiva triunfante do neoliberalismo dos anos 80 e 90. Hoje não estão sob o grande êxito que obtiveram com o “fracasso do socialismo”, mas sob a **perda de legitimidade** devido ao seu atual fracasso.

No entanto, em regiões do mundo de importância com

América Latina praticamente desde o começo do século XXI já vínhamos em um ciclo que se convencionou chamar de **“rebeliões populares”** com uma enorme acumulação de lutas, experiências e formas de organização independentes. Não conseguiram desmontar totalmente estas experiências nestes últimos anos de governos “progressistas”. Agora podem significar **pontos de apoio para as lutas mais duras e polarizadas** que virão.

Mundialmente assistimos a um cenário de maior polarização, onde haverá menos **“colchões” entre revolução e contra-revolução**, onde seguramente tenderão a se **“reduzir” os mecanismos de “mediação” da “democracia”** e a se desenvolver expressões sociais e políticas **mais à direita e à esquerda** do “centro” político.

Neste sentido, não deixa

de ser sintomático (só para exemplificar) o que está ocorrendo nos países europeus de grande estabilidade como a Bélgica, onde aconteceu nos últimos dias uma **greve geral** contra a carestia da vida, que se realizou **ultrapassando** o prévio chamado das burocracias sindicais. Seguramente veremos fatos semelhantes nos **quatro pontos cardeais do globo** - inclusive em países

decisivos para a estabilidade mundial das últimas décadas, como é o caso, já assinalado, dos Estados Unidos.

Na América Latina temos que acompanhar com muita atenção o que pode ser o ponto culminante de **quebra da estabilidade regional** com a eventualidade de uma guerra civil na **Bolívia**. Também será de muita importância ver a evolução daquelas economias ou regiões mais diretamente ligadas à evolução econômica dos Estados Unidos, como

são **México e toda América Central**. E não podemos deixar de sublinhar a importância potencial que poderá ter a eventualidade de um ascenso nas lutas em um país de imensa importância e que tem sido um pilar da estabilidade regional nos últimos anos, como é o caso do **Brasil**.

Nestas condições temos que elaborar um **programa de reivindicações operárias** que deverá estar marcado por algumas das consignas mais clássicas do programa dos trabalhadores frente às crises: a escala móvel de horas de trabalho e salário; a estatização sob controle dos trabalhadores de toda empresa que realizar suspensões, demissões ou que for à falência; a estatização dos bancos e o estabelecimento do monopólio estatal do comércio exterior, tudo isso sob o controle dos trabalhadores; a criação de comitê de luta, de autodefesa e formas de organização e coordenação *ad-hoc* ao calor das lutas; a perspectiva da criação de organismo de centralização nacional das lutas; tudo isso no sentido de **governos operários e populares e do socialismo.**



Praxis

RUA CONSELHEIRO RAMALHO 1012

ALTURA DO 1404 DA AVENIDA BRIGADEIRO LUIS ANTONIO

CONTATOS:

grupo.praxis@yahoo.com.br

www.grupopraxis.org

www.socialismo-o-barbarie.org

SP (11)
9465-4879
8981-4878